

Hélio Nogueira: o homem mídia

A personalidade do nosso comunicador escolhida para esse trabalho foi o Jornalista Hélio Nogueira Alves, 61 anos, paraense de Santarém, casado com Gizele Maciel, pai quatro filhos e avô. Ele é um apresentador experiente, verdadeiro e corajoso. Antenado nas novidades e nas redes sociais, se mostrou bem interessado logo nos primeiros contatos sobre a entrevista e foi através de uma rede social da internet - o facebook, que possibilitou essa aproximação e a realização dessa entrevista, conversamos sobre o trabalho pelo chat do facebook, e logo ele mandou o número do celular dele para nós marcarmos a entrevista.

Hélio Nogueira Alves começou na profissão de jornalista desde 1973, iniciou como repórter e locutor noticiário da Rádio Clube de Santarém, cidade de Santarém Pará. Na época ele tinha apenas 21 anos de idade e não tinha o registro profissional, apenas a sua curiosidade numa cidade pequena e interiorana. Não passava de um jovem curioso em descobrir a velocidade da propagação da informação pelas ondas do rádio e assim ele foi seduzido pela profissão.

Deste modo dedicou-se ao jornalismo, ampliando o seu leque para a mídia impressa ao gerenciar a sucursal do jornal O Estado do Pará, por um período de quatro anos. Foram as suas primeiras experiências onde, aprendeu a escrever textos e a interpretá-los nos boletins informativos, como exigia a linguagem simplificada e objetiva do rádio, e a descrever em detalhes a mesma informação nas páginas diárias do jornal que ele representava na região Oeste do Pará.

Naquele tempo tudo foi surpreendente, principalmente a curiosidade da radiodifusão e o retorno imediato que o veículo proporcionava em relação à manifestação popular. Foi exatamente no dia 1º de maio de 1973, quando Hélio Nogueira foi apresentado pela primeira vez ao microfone pelo radialista Arnaldo Araújo, em um programa matinal da emissora que esse DJ apresentava.

Após ler uma informação no rádio, ele foi imediatamente contratado pelo diretor da emissora que já o designou para ocupar a função de repórter, redator e apresentador do Jornal da Noite e chefe do departamento de jornalismo. Chefe dele mesmo, pois acabou descobrindo que ele era designado a várias funções na redação da emissora, que até então não tinha um departamento de jornalismo.

Em 1977, após quatro anos experimentando tudo o que o jornalismo podia oferecer ao seu restrito mundo da informação, Hélio resolveu ampliar os horizontes e deixar o mercado jornalístico de Santarém para trás, mudou-se então para a Capital paraense. Chegando a Belém, o mesmo procurou o rádio pela identidade que tinha criado com esse veículo de comunicação, durante os quatro anos de experiência.

Na Rádio Clube do Pará, Hélio foi aprovado imediatamente para a função de locutor noticiaria da emissora. Faltava para a sua carreira, o seu registro profissional, que o mesmo ainda não possuía. Contudo, Hélio conseguiu no Sindicato dos Jornalistas um registro provisionado até que fizesse jornalismo em uma das faculdades de Belém. E assim trabalhou na Radio Liberal, Jornal O Estado do Pará, Radio Guajará e Rádio Cultura do Pará, enquanto cursava os primeiros anos de jornalismo na Universidade Federal do Pará.

Sentindo a necessidade de ampliar o seu horizonte profissional, fixou-se em Brasília, no início da década de 80, ainda no Governo Militar do General João Batista Figueiredo. Concluiu o bacharelado em Comunicação Social em 1981 no Centro de Ensino Unificado de Brasília, ao mesmo tempo em que trabalhava como Editor-Chefe de Jornalismo da Rede Capital de Rádio.

Daí por diante, trabalhou como: Repórter da Rádio e TV Nacional de Brasília, cobrindo a Esplanada dos Ministérios e o Palácio do Planalto, Correspondente em Brasília da Rádio Itatiaia de Belo Horizonte (MG), Correspondente em Brasília da Rádio e TV Aperipê de Sergipe, Diretor de Radiodifusão do Ministério da Agricultura em Brasília, Correspondente em Brasília da Rádio Brasil Central de Goiânia (GO), Editor de Jornalismo da Rádio Globo em Brasília, Editor dos jornais Correio Braziliense e Correio do Brasil, em Brasília, Diretor-geral da Rádio e TV Nacional, Editor de matérias especiais do Jornal do Brasil e Tribuna da imprensa em Cuiabá (MT), Diretor-geral da Rádio e TV Nacional de Porto Velho (RO), Diretor do Jornal o Estado de Rondônia (RO), Correspondente em Brasília da Rádio Antena 1 de Macapá, Assessor de Imprensa do Ministério da Justiça, Repórter em Brasília da Rádio Senado, Apresentador de TV do programa Brasília Urgente, Roteiro e Direção de produções de programas eleitorais nacionais do PDT e PTB, em Brasília, Cobertura jornalística de viagens internacionais da presidência da República para a Rádio e TV Nacional de Brasília, Editor-Chefe do

jornal “É Tempo de Plantar” do Ministério da Agricultura, Consultor de Jornalismo da Organização das Nações Unidas (ONU) junto ao PNUD do Ministério da Agricultura, Assessor de Imprensa da Liderança Nacional do PMDB na Câmara dos Deputados, Assessor de Imprensa da Assembleia Legislativa do Amapá, Editor e apresentador do Jornal Tucuju no canal 24, Editor e apresentador do programa jornalístico “De Olho na Cidade”, pela TV Band-Macapá, Editor e apresentador do programa de rádio “Opinião Pública” na Rádio Antena Um, Editor e Apresentador do programa “De Olho na Cidade”, na Rede Vida – Macapá, Editor e apresentador do programa de rádio “Cidade em Debate” na Rádio Equatorial.

Hoje em dia, sua rotina de trabalho tem como base de consulta, as redes sociais que o mesmo faz durante o período da tarde, tempo que aproveita para interagir com quem compartilha em suas redes sociais como: facebook – Hélio Nogueira Nogueira Alves (5 mil seguidores) e no twitter - @HélionogueiraTV (2.800 seguidores). Ao mesmo tempo em que interage com os seguidores prepara a pauta do programa que apresenta diariamente na Rádio Equatorial FM, entre 9h e 11h da manhã.

Sendo assim, Hélio Nogueira analisa os blogs e sites de notícias como a comunicação de massa da globalização. Blogs, sites, twitter, facebook, tudo isso chega para dar o tom de equilíbrio que hoje a comunicação precisa. Para ele, na América do Norte, o poder de influência das redes sociais tem sido decisivo nas eleições presidenciais. Por aqui, com a propagação dos endereços eletrônicos, já estão tomando esse caminho. Em pouco tempo é a rede social que vai determinar o tom e as tendências populares em todos os setores da sociedade.

Em termo de admiração jornalística diária, Hélio Nogueira Alves admira Paulo Silva, diz que este sabe ser um bom jornalista. Hélio Nogueira afirma que gosta da informação sensata, equilibrada que ele traz. Outra pessoa que ele admira é o Paulão, pois ele tenta ser o mais coerente possível e nacionalmente, o jornalista Boris Casoy, porque não é apenas um interpretador de textos, mas emite sua opinião.

Porém, em se tratando de ética no jornalismo, considerando um sistema político marcado pela corrupção e “compra” de pessoas e com políticos por trás das

emissoras, Hélio diz que é difícil pensar em ética jornalística nos veículos de comunicação existentes por aí e nas redes de rádio e televisão. Todos de uma forma ou de outra têm seus compromissos com o poder e deles sobrevivem.

Uma das grandes mudanças que poderia ocorrer, desde que haja vontade política para isso, seria votar a mudança na Lei Geral das Comunicações que hoje permite aos políticos uma verdadeira farra na distribuição de rádios e televisões que, ao fim e ao cabo, ficam atrelados aos interesses de oligarquias. Para se contrapor a esse desequilíbrio, surgiu a rede social um instrumento realmente democrático através do qual todos podem expressar seu pensamento.

Em se tratando dos jornais impressos, o colaborador diz que quando o rádio surgiu, na década de 30, diziam que a mídia impressa estava com os dias contados. Depois, nos anos 50, veio à televisão, e os prognósticos foram igualmente cinzentos. No entanto, todos os veículos estão aí, cada um com seu público. Adaptaram-se às circunstâncias, como era previsível. Jornais, revistas e livros, diante da dinâmica da informação que a rede social proporciona, usam e tiram proveito disso.

Jornais e revistas vão continuar a ser o que sempre foram: um documento escrito que publica o registro minucioso e detalhado dos fatos, o inverso da dinâmica que está representada pelos textos curtos das redes sociais, do rádio e da televisão.

Em se tratando de matéria jornalística Hélio Nogueira, afirma que já temeu pela sua vida e de sua família. Pois quando se faz jornalismo onde a opinião contribui para dosar a notícia, pode ter certeza que haverá sempre aqueles que vão discordar. Recentemente o mesmo leu uma frase postada por jornalistas londrinos sobre o papel do jornalista. “Jornalismo é tudo aquilo que algumas pessoas não gostariam de ouvir, ver ou ler. O resto é propaganda”.

Em Porto Velho, Rondônia, por conta de suas opiniões, o mesmo foi obrigado a deixar o estado às pressas. E foi temendo pela sua vida e de sua família. No Amapá, um caso como esse ainda não aconteceu com ele.

O mesmo ainda deixa uma dica para aqueles que estão entrando na faculdade de jornalismo. “Se de fato a pretensão é continuar na área depois da

formação acadêmica, vejo como importante a prática do ofício. Uma redação de jornal, revista, programas jornalísticos de rádio e de televisão são bons laboratórios para a descoberta da tendência sobre a área que você deseja atuar: se o jornalismo impresso ou o eletrônico ou quem sabe os dois”.

Em se tratando de opinião quanto ao debate da obrigatoriedade do diploma ou não para os jornalistas, o mesmo entende que nos dias de hoje não é mais admissível trabalhar na área da comunicação social sem a devida formação acadêmica. O jornalismo é uma técnica que não admite mais a presença do curioso que acha que pode sair com uma caneta e um bloquinho na mão, microfone ou gravador, tentando “entrevistar” as autoridades.

Jornalismo é uma técnica que requer aprendizado e depois experiência. Em qualquer paragem já há faculdades facilitando o aprendizado. A lei ainda permite a expedição de registro profissional em estados onde comprovadamente o jornalista trabalha ao longo dos anos, como é o caso do Amapá. Mas dias virão em que isso não será mais cabível. Jornalista tem que comprovar que é jornalista.

Portanto, se Hélio Nogueira Alves, não fosse jornalista ele afirma que: “Seria Jornalista! Aprendi ao longo da vida a fazer o que faço e tento me desincumbir o melhor possível. Foi assim que aprendi ao longo dos anos. Se bem que o jornalista sempre estará experimentando um aprendizado novo, pois jornalismo é um aprendizado constante. Afinal, convivemos com a informação”.

Ricardo Batista Moraes

Acadêmico do segundo semestre do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Amapá.

Perfil produzido para a disciplina de Mídia Impressa ministrada pela prof. Roberta Scheibe

Macapá/ap, março de 2013.